

— Vão ver que é o Florêncio, disse a dona da casa com um sobressalto. Se for, trago-o **para cá?**

— Por que não? Nós somos amigos velhos.

Florêncio entrou, já prevenido de que encontraria Alípio na sala de jantar.

— Até as pedras se encontram, quanto mais os amigos! bradou o promotor, avançando de braços abertos para o cavalariano, que não sabia, ao entrar, que cara devia fazer-lhe.

Abraçaram-se, Alípio com alvoroço, Florêncio discretamente, receoso da sua intimidade na situação especial em que se encontrava para com o seu antigo vizinho da rua Nova.

Florêncio não fora feliz com o seu primeiro casamento: a mulher desencaminhara-se com alguns estudantes de uma “república” fronteiriça à sua casa e na qual morava Alípio. Depois fugira de casa para a tal república, ganhando o nome de Mimi da boêmia acadêmica. Mas quando ela adoecera e fora posta pelos estudantes na casa de uma preta velha para tratar-se, Florêncio, num nobre impulso de generosidade, fora em carro buscá-la para o lar abandonado, deu-lhe um tratamento desvelado até à morte, e fez-lhe um enterro luxuoso. Foi esta bela ação que gerou o poema *Florenciada*, a ele dedicado pelo bardo épico de Afogados.

Depois de meia-hora de palestra rompera-se o obstáculo que os separava ainda, e eles conversaram cordialmente como dois bons amigos velhos. Por fim, Alípio despediu-se, convidou-o para jantar e, ao sair, fez um sinal à Benvinda para que nesse dia não lhe tocasse ainda no caso da Bilinha.

CAPÍTULO XVI

À NOITE, Alípio foi visitar D. Claudina. Estava preocupado com a promessa feita à Benvinda: iria ou não à casa de Bilinha? Jurara não ir, mas uma razão mais forte que a sua razão tentava-o a quebrar o juramento. Além da satisfação de um gozo natural e legítimo perante o seu modo de entender a vida, havia nessa infração um protesto contra a atitude que as circunstâncias lhe impunham, coagindo a sua vontade de mover-se e agir com a plena independência, que lhe era tão cara. Hesitava, contudo, e surpreendia-se de hesitar: já não seria o mesmo? Tolhia-o somente a compaixão pela amante ou também o respeito pela noiva? Noiva! Ao passar-lhe esta palavra pela mente, ele via a si mesmo, ubiqua-

mente, caminhando, malgrado seu, pelo braço de Florzinha, e, parado, estupefato de se sentir assim desdobrado em outro que cruzava os braços para isolar-se dessa criatura estranha, impelida por mãos estranhas para o seu caminho.

D. Claudina acolheu-o com uma amabilidade reservada, a princípio, mas comoveu-se quando o rapaz, comovido também, lhe agradeceu os cuidados com que o cercara em sua moléstia. Falou-se de sua estada na fazenda; em suas narrativas teve que pronunciar muitas vezes o nome de Florzinha, e fazia-o com uma doçura de voz não procurada, como se ela lhe perfumasse a boca de uma fragrância esquisita. D. Claudina não ia com eles à Varjota para a festa de São João? Qual! não era possível; como deixar aquela menina entregue à Mariana, que mal podia consigo? Conversaram muito ainda, tomaram café, recolheram-se as crianças, e Alípio não sentia vontade de despedir-se, com grande satisfação do dono da casa, para quem a palestra do bacharel era um encanto supremo. D. Claudina, porém, já disfarçava com esforço o seu cansaço.

Alípio despediu-se afinal, e ao chegar à rua sentiu-se forte para resistir à tentação de ir à casa da professora. Tirou o relógio, chegou-lhe a brasa do charuto, dez e meia; ia dar um giro através da cidade, que achava muito sugestiva assim toda em treva e silêncio. Não evitou passar pela porta de Bilinha. Que tinha? estaria fechada, e ele não iria bater. Estava, com efeito; mas havia luz na sala a vazar, por baixo da porta, como uma tinta dourada. Ele parou do lado oposto: ela esperava-me! pensou, e numa resolução pronta, sem pensar no que fazia, atravessou a rua, encostou-se à porta e ergueu a bengala para bater.

Mas um psiu sibilou-lhe ao lado, fazendo-o estremecer e voltar-se. Um braço levantou a veneziana da casa vizinha e uma voz aflita chamou-o:

— Dr. Alípio?

— Benvinda! é você? E, malgrado seu, acudiu ao chamado.

A Benvinda abriu a porta e convidou-o a entrar num tom súplice.

— Então, doutor, é assim que cumpre os seus juramentos? Não o supunha tão mau! Que vai fazer nessa casa? Rematar a desgraça dessa pobrezinha, não é assim? Ora, diga-me cá, doutor, se a Bilinha não casar com o Florêncio e for demitida do seu emprego, coisa que não tardará a acontecer, que será dela? É o senhor que vai sustentá-la? E fará isso por toda a vida? Eu tenho pensado na história que o senhor me contou, e acho que o senhor a inventou para passar o contrabando ao Florêncio; esse pobre homem está cego de paixão e gosta de acreditar em coisas fora do comum; por isto estou pronta a impingir-lhe a peta, contanto que a Bilinha fique

amparada. Mas se vocês continuam com essa pouca-vergonha, eu serei a primeira a dizer tudo ao Florêncio e aconselhá-lo a que anoiteça e não amanheça. Não, doutor, comigo o senhor não conta para essas coisas. Pense na sua noiva, homem, que é uma criaturinha tão boa e tão inocente! E para o mais não faltam mulheres aí por essas palhoças do açude.

No decurso desta objurgatória o espírito de Alípio experimentara diversos e sucessivos sentimentos — vexame de ser apanhado em flagrante, cólera de se ver contrariado pela espionagem importuna da Benvinda, e, por último, a convicção de que recebia uma lição de bom senso. A evocação de Florzinha, sobretudo, produzia-lhe uma estranha sensação de mal-estar. E surpreendia-se como essa plebéia, de moral fácil e linguagem desabusada, se transformara de repente para advogar, comovida e imperiosa, a felicidade de uma mulher que lhe era completamente estranha e a cuja perdição a própria mãe se mostrava indiferente. E, já senhor de si, Alípio gracejou:

— Você fala como um livro, Benvinda; palavra como não a julgava capaz de tanta eloquência! Acho que você tem toda a razão e gabo a sua dedicação pela felicidade da Bilinha. Mas, você sabe, essas coisas são o diabo: feita a primeira asneira, é como quem cai de um degrau, vai-se rolando por aí abaixo. . .

— Até chegar ao chão e quebrar as ventas. Depois é chorar sem remédio. Quer um conselho de amigo? pense na sua noiva, que só tem o defeito de ser filha do Asclepiades. A mãe é uma santa senhora, e o tio, o compadre Galdino, é a bondade em pessoa. Pense na sua noiva, deixe a Bilinha em paz e vá embora o mais depressa que puder. Quando voltar, garanto-lhe que ela já está a caminho de Pernambuco, se já não tiver chegado. E é tarde, ponha-se na rua, do contrário podem espalhar que eu também. . .

Benvinda concluiu com uma de suas palavras escandalosas; Alípio atirou fora o charuto apagado e acendeu outro; ela, fechando a porta, murmurava, meneando a cabeça:

— É um rapaz de papoco! Se eu fosse moça, Deus me livre que ele me desejasse. Este demônio é como boi ladrão, para o qual não há cerca bastante segura.

Alípio obedeceu e seguiu caminho.

“Pense na sua noiva!” De toda a palestra com Benvinda apenas guardara o bacharel esta frase, que parecia repetir-se sonoramente aos seus ouvidos, como reproduzida por um fonógrafo insistente. No zunido do vento, no farfalhar de uma árvore, no piar de uma ave noturna, nos mil sons inexplicáveis que se escapam do conúbio do próprio silêncio com a treva, a frase se tornava audível em tons

diversos e com inflexões singulares, que começavam a obsedá-lo incomodamente. Depois, o ruído regular dos seus passos se combinou também para formar em sílabas destacadas a frase impertinente: pen-se-em-su-a-noiva, pen-se-em-su-a-noiva. E como que os tacões batiam mais fortes para acentuar a tônica final — noi-va! Um suor frio umedeceu-lhe insidiosamente a testa, e ele levantou um pouco o chapéu para enxugá-lo com o lenço. Estarei doente? pensou, e um calafrio traspassou-lhe a carne, avassalada de um tremor nervoso. As casas fechadas e dormentes se concentravam num misterio tenebroso e hostil, e o sibilar do vento nas tabuinhas das rótulas, imitava o anélito de bocar adormecidas. Mas a frase obsidente atenuava-se em cochicho, diluía-se num cicio perene e inarticulado.

A obsessão transportara-se dos ouvidos para os olhos. A imagem de Florzinha, esbatida na brancura de um longo véu flutuante, bamboleava-se diante dele com um movimento de pêndulo, acompanhando a cadência dos seus passos, tendo apenas visíveis o traço curvo da boca e os círculos negros dos olhos. Mas, como em certos desenhos, essa boca e esses olhos resumiam toda a expressão fisiológica, cambiando de expressão do riso para o choro, para a zombaria, para o desdém, para a cólera. Depois o véu dissipou-se como fumo, todas as feições de Florzinha se acusaram nitidamente, e mais o pescoço e mais o corpo inteiro enfim, com a brancura leve e suprema de uma figurinha de jaspe.

Alípio caminhava mais rápido agora para alcançar a casa, porque sentia as pernas vergarem e tropeçava a miúdo; o suor alagava-lhe as roupas, e, como o nauseasse, atirou fora o charuto meio apagado, que esbagaçara nos dentes, como fazem os bêbados. Dentro de alguns minutos tudo se foi normalizando; cessou-lhe pouco a pouco a angústia física, e a alucinação dos seus sentidos acalmou-se de todo quando ele ouviu sons próximos de violão e uma voz forte e limpa de homem, que cantava:

Quis debalde varrer-te da memória,
O teu nome arrancar do coração!

Alípio parou à escuta, e viu uma casa vivamente iluminada a alguns passos de distância. A voz terna e forte acabara a copla, prolongando-a num gemido voluptuoso:

Amo-te sempre! Que martírio infindo!
Tem a força da morte esta paixão.

Mal desperto ainda do seu pesadelo, aquela voz assumia aos seus ouvidos o caráter de uma revelação da alma sentimental da cidade, que ele não penetrara ainda. E a voz continuava:

Eu me via ligado aos teus encantos
Por grilhões poderosos e fatais...

Soavam alguns acordes do acompanhamento, e a voz casava-se depois com ele para terminar a quadra:

Mal te vira, mulher, eu já te amava,
Se te rias de mim, te amava mais.

Veio uma nova quadra, a última, e o violão, sozinho, rematou a modinha com uns acordes gementes e variados. Seguiu-se uma algarra folgazã de vozes e gargalhadas. A casa era a do Lucas bodegueiro, a quem os colegas da Feira tinham vindo dar uma serenata por motivo do natalício de sua esposa. Ouviu-se um som de flauta procurando o tom do violão, e uma velha valsa, ingênua e triste, derramou-se na treva da noite, como uma lágrima de cera num pano de catafalco. Alípio avançou pelo lado oposto da rua, meteu-se por trás de uma velha parede, e olhou. Três ou quatro mulheres e uma meia-dúzia de homens compunham a sociedade, cuja alegria punha nota insólita na tristeza das ruas adormecidas.

“E o sujeito do violão é o Florêncio!” verificou Alípio, a cuja mente veio de pronto a lembrança das noitadas em que o pobre homem passava na república a tocar violão, enquanto os rapazes se revezavam na corte coletiva que lhe faziam à mulher. Um dos rapazes que saíra da casa em busca da velha parede surpreendeu Alípio.

— Quem está aí? perguntou, um pouco intrigado.

— Sou eu, disse Alípio, mostrando-se: estava aqui a apreciar a música.

— Ah! é o doutor? Boa noite. Entre, vá ouvir de perto. O Florêncio é onça no violão.

— Não, obrigado; vou chegando. Boa noite.

— Não faça cerimônia.

Outros na sala, ouvindo a conversa, tinham se aproximado, e logo apareceu também o Lucas.

— É o Dr. Alípio? Faça favor, venha tomar um esquentado e ouvir tocar-se um pouco, disse o dono da casa, com a expansão de uma embriaguez incipiente, tomando-lhe o braço.

Era impossível relutar sem descortesia, e o promotor entrou na sala entre um murmúrio aclamador. As mulheres, ariscas e curiosas, perfilaram-se, ao ver bem perto de si esse famoso pracião, que tanto preocupava a sociedade ipuçabense, e os homens o olhavam com submissão invejosa da graça distinta de suas roupas, e dos seus gestos. Florêncio levantou-se com os outros e, com o violão pendurado da mão esquerda, esperava que os olhos de Alípio se encontrassem com os seus.

— Florêncio!

— Dr. Alípio!

— Só assim eu poderia pôr-lhe os olhos em cima, homem! Pois é assim que se tratam os amigos velhos?

Florêncio gaguejou uma explicação: ia visitá-lo naquela noite, mas os rapazes tinham-no agarrado para aquela pândega...

— Que é da prometida visita? Depois do nosso encontro em casa da Benvinda, parece que o chão se abriu com você.

Florêncio animou-se e o diálogo entre ele e Alípio absorveu a atenção geral. Este, percebendo tal, reclamou a música.

D. Marica ia cantar “Os Olhos Azuis”, informou um da roda.

— Não, não é exato, protestou a moça; é história de Seu Batista.

— História não, há de cantar; o Dr. Alípio será bicho que meta medo à gente?

— Se é por minha causa... disse Alípio simulando levantar-se.

— Oh! oh! bradaram muitas vozes.

— Ora, D. Marica, veja se quer enxotar o nosso hóspede.

— Canta, menina! insinuou uma das moças. Isso é uma desfeita ao moço.

D. Marica acedeu, sob a pressão dos circunstantes. Mas não havia de ser “Os Olhos Azuis”, que não sabia direito. Cantaria a “Queixa de Elvira”. Essa Elvira fazia D. Marica dizer inocentemente algumas coisas bastante inconvenientes. Queixando-se do amante, que a iludira, ela clamava, dirigindo-se a uma donzela:

Eu também, como tu, já fui virgem,
Fui coberta de cândido véu.

Certo, o poeta não escrevera esses versos para serem cantados por uma moça, e a pobre sertaneja, repetindo as queixas da queixosa pecadora, mal sabia quanto se tornava cômica. Mas o novo conviva, o único capaz de percebê-lo, com os nervos ainda abalados pela embriaguez do fumo, apenas viu nessas estrofes plangentes uma coincidência pressaga: parecia sua amante apostrofando a sua noiva. Em meio da jovialidade grossa e barulhenta da sociedade travou-lhe o espírito o seu medo de supersticioso pelos presságios, pelos castigos, pelas forças misteriosas da fatalidade. E a sertaneja continuava a modular doloridamente as queixas da virgem traída:

Eu também, como tu, já fui pura,
Fui igual aos anjinhos de Deus.

Fatigado, enervado, o bacharel despediu-se ao terminar a modinha. Na sua longa insônia, sem ter compreendido ainda o motivo de sua indisposição, pensou minuciosa e demoradamente na situação em que se via posto por um agrupamento de circunstâncias, hostis todas aos desígnios traçados pela sua vontade com uma precisão que julgara infalível. Via-se o juguete de outras forças mais po-

derosas do que o seu querer, e não experimentara o desejo salvador de afrontá-las e vencer, como vencera em tantas outras ocasiões. Sentia-se diminuído, transformado, combalido em seu orgulho de cético e de forte. Amava, talvez, desde o momento em que se viu sozinho a enfrentar a morte: primeiro a humanidade que o socorrera no seu transe, depois essa rapariga, em quem seus olhos se pousaram nos momentos de grato retorno à vida.

Ao despertar, formulou calmamente sua resolução: partiria sem mais demora para a Capital, colocar-se-ia e voltaria para casar com Florzinha. Ela era formosa e inteligente — uma gema tosca que teria de polir para engastar na coroa dos seus triunfos. A esposa seria um transtorno para os assaltos mais audaciosos, mas dar-lhe-ia um regaço para amenizar-lhe as quedas. Nenhuma existência, por mais feliz é feita só de vitórias, e a sua recente enfermidade lhe ensinara a contar com os reverses.

Ao almoço comunicou as suas intenções ao vigário, e este, radioso, transmitiu-as ao Asclepiades. O coletor quis logo mandar um portador à Varjota, mas a mulher conteve-o. Para que essa sofreguidão? Havia muito tempo para isso. Tamanha indiferença exasperou-o:

— Quando este casamento se fizer, exclamou desabafando, posso bater nos peitos e dizer: deve-se a mim! porque você neste negócio não tem sido peixe nem carne.

— Está visto que não hei de andar metendo minha filha pela cara dos homens, principalmente de pracianos. Fique sabendo que se ele não fosse sobrinho do compadre vigário, eu não o teria tratado em sua moléstia, nem mesmo lhe teria dado entrada nesta casa. Bastam as histórias que andam por aí.

Asclepiades, que não queria azedar o seu júbilo, deu de ombros, tomou o chapéu e ia sair à rua, quando D. Claudina, percebendo as suas intenções, deteve-o:

— Venha cá: acho que por ora não vale a pena espalhar isto; é melhor esperar que ele fale a nossa filha e ela dê o sim.

— Você acha que ela não dá? perguntou Asclepiades com sarcasmo.

— Acho que dá; mas se não desse, por acaso, fique certo que o casamento não se faria, retorquiu placidamente a mãe de Florzinha.

Asclepiades fez um esgar de desprezo, e saiu. Ao primeiro conhecido que se lhe deparou, sussurrou confidencialmente: “Sabe que o nosso Alípio vai pedir-me a Floriza?”, frase que repetiu sem variação a todos quantos pôde dirigir a palavra nesse grande dia de sua existência.

À noite, ainda teve ele fartas ocasiões de anunciar o sucesso na reunião promovida pelos membros do Partido Republicano que permaneciam fiéis ao generalíssimo, abandonando o Chico Herculano, solidário com o centro da Fortaleza. Quase ninguém (e a sala do Casimiro estava cheia) escapou à participação, cuja forma o Asclepiades já não achava jeito de variar: “Sabe que o nosso Alípio vai pedir a mão de minha Floriza?” E, baboso, o feliz homem recebia os parabéns que lhe davam, ora efusivos ora frios, conforme partiam de sujeitos a quem o caso não interessava, ou de outros que tinham filhas casadouras. Estes, quando Asclepiades dava as costas, confraternizavam no seu despeito, denegrindo-lhe a glória. “Está muito ganjento o palerma porque vai entregar a filha a um pracião formado, um peralta que vive para aí a dar escândalos com a professora! Veremos se ele volta da Capital para casar. Uma matuta pobretona, que só tem de seu o palmo de cara!”

Aqueles homens, renegando o seu chefe de ontem, lembravam os naufragos de um navio a expulsar o comandante de uma ilha que se lhes deparasse após um naufrágio. E todos procuravam iludir-se e iludir aos outros sobre a sua traição, amparando-se com a desculpa de guardar fidelidade ao generalíssimo, que afinal de contas — a frase de Alípio tornara-se o mote prestante dos conjurados — fora quem fizera a República! Sobre esse mote bordou o professor Agrela o manifesto da cisão, e o Casimiro foi tacitamente encarregado de negociar a submissão de todos ao João Ferreira, representado na reunião pelo boticário Mendonça.

— Nós precisávamos ver aqui era o seu futuro genro, seu Asclepiades! bradava o Casimiro, diligente e acalorado, mas sentindo em sua insignificância a pressão da coleira estreita em que ia enfiar outra vez o pescoço.

E o Asclepiades, com um ar importante e pesaroso, explicava:

— O rapaz tem outras aspirações; quer um campo mais vasto para a sua atividade. Isto aqui só mesmo para nós, que nunca passaremos de bichos-do-mato.

— Nós? chacoteava um. Quem sabe se você, Asclepiades, não vai dar ainda com os ossos no Rio! Lá é que você tomaria café a faltar.

Asclepiades desconcertava, e, no meio de risadas, atracava-se a um retardatário para comunicar-lhe o grande sucesso:

— Sabe que o nosso Alípio vai pedir a mão da minha Floriza?

— Já ouvi falar. Parabéns.

Comentava-se em vários grupos a declaração do padre Balbino: se o João Ferreira tomasse o bastão, ele pediria transferência para outra freguesia.

— Nem é preciso pedir, porque o bispo já lhe ofereceu uma vigararia na Capital, e a verdade é que ele aqui não faz falta alguma.

O boticário, sempre sarcástico, declarou sem reboço a um vizinho que vinha, a mandado do João Ferreira, “contraferrar aquele gado que voltava ao curral”. E muitos riram com despejo da pilhéria ferina. Um dos filhos do João Ferreira, estando à porta no momento em que um orador concitava os verdadeiros republicanos a cerrar fileiras em torno do generalíssimo, comentou com uma risadinha cruel: “O generalíssimo está lá em casa ensebando a peia para dar um ensino nestes cachorros todos.”

Dias depois verificava-se a queda definitiva do partido herculanista, com a demissão das autoridades e funcionários que não se chegaram ao João Ferreira. O padre Balbino seguiria com Alípio para a Capital, só voltando para fazer o casamento e arrumar as trouxas para transferir-se a outra freguesia. Florêncio ia agora sozinho à casa da professora, não podendo contar com o Casimiro, que estava a trabalhar com afinco num processo contra o Chico Herculano: diziam testemunhas ser este o mandante de uma surra que um compadre do João Ferreira levava ao penetrar a desoras num roçado alheio. Com relação à professora, nada se fizera ainda, em atenção a Alípio, amigo do Lucena, e ao Florêncio, que comprara muitos animais ao João Ferreira. O Chico Herculano retirara-se para a fazenda do pai desde o dia em que a frente de sua vivenda amanhecera coberta de cruces e inscrições a piche.

Alípio não voltara mais à casa de Bilinha, de quem tinha notícias diárias pelo Florêncio, que o tomara para confidente. “Você deve ter sabido, disse-lhe uma vez o pernambucano, que o tinham como namorado da Bilinha, e até diziam coisas piores. Terra pequena é isto: não se compreende a amizade desinteressada de um rapaz a uma moça. Então, tratando-se de pracionos... Eu mesmo teria acreditado na calúnia se a Benvinda não me tivesse aberto os olhos.” Em outro dia, mostrando-se o Florêncio desanimado e pensativo, perguntou-lhe Alípio: “Então, isso vai ou não vai?” “Sei lá! Há dias em que aquela mulher me faz desesperar. Às vezes trata-me com amabilidade, outras com frieza, e até faz-se doente para não me aparecer. Esta noite, como eu a interpelasse francamente, ela pôs-se a chorar, largou-se para dentro e não saiu mais. Hoje, contando o caso à Benvinda, esta me disse que a Bilinha tem um segredo que não pode revelar por ora e do qual depende a sua decisão. Alguma tolice de rapariga romântica... Que diabo de segredo pode ser esse?”

— Não sei ao certo, mas uma ocasião ela deu-me a entender que qualquer coisa a impedia de casar.

— Quem sabe se é o passado da velha, que não foi boa bisca, segundo dizem.

— Não, isto não; que tem ela que ver com o que a mãe fez em sua mocidade?

— Lá isto é verdade.

E o Florêncio caiu de novo na sua dolorosa inquietação. Alípio, contemplando-o, dizia para si galhofeiramente: “É uma fatalidade! Quem diria que eu havia de vir aqui juntar novas estâncias à *Florenciada!*” Fatalista, malgrado seu, via na infelicidade de Florêncio uma predestinação. Podia esse homem casar-se com uma santa: a santa cairia, embora para salvar-se depois pelo arrependimento. Também a sua sorte estava escrita: devia casar-se com Florzinha. A sua moléstia fora uma insinuação do Destino. E, firmado nesta convicção, esperou ansioso o dia de sua partida para a Varjota, evitando passar sequer na proximidade da casa de Bilinha.

Na manhã de 22 de junho, quando ele se preparava para seguir, à tarde, entrou-lhe insolitamente pela porta o capitão Galdino. Sobressaltado, Alípio interpelou-o tomando-lhe as mãos:

— Então que é isto? O capitão por aqui, justamente quando eu me preparava para ir hoje à Varjota? E a nossa festa?

— Foi o diabo! explicou o capitão, retribuindo frouxamente o aperto de mão. A Luizinha tem sofrido muito dos dentes nestes últimos dias, e piorou a tal ponto de ontem para cá, que está com o queixo para acolá, sem poder engolir outra coisa além de leite e caldos. Demais, Florzinha tem andado nervosa, impertinente, a chorar, querendo à fina força vir embora. Eu então dei o dito por não dito quanto à festa, e toquei-me para cá com Florzinha, e levo o Florêncio, para tratar da Luizinha.

O capitão falava sem a vivacidade galhofeira que lhe era peculiar.

— Mas o senhor parece impressionado com o estado de D. Luizinha; há alguma gravidade?

— Não, nenhuma; são cá outros aborrecimentos; a minha velha anda lá com umas tolices por causa do filho que se meteu para a Outra Banda, e não pisa mais em casa. Anda por aí um furdunço que eu não posso entender.

— E o Matias? perguntou Alípio para torcer a conversação.

— Ficou lá com a noiva. Já o provoquei a uma explicação, e hoje vou à casa de D. Joaninha pedir a mão dele para a minha filha. Caso-os breve, entrego-lhes a Boa Esperança e que façam pela vida e arranjem-me alguns netos para não se extinguir a raça, porque o Cazuzo, pelos modos, não quer entrar para o rol dos homens sérios. Compró logo uma porção de coisas para se começar o enxoval a fim de ver se dentro de um ano está chorando criança.

Comigo estas coisas são trás-zás-nó-cego. E o reverendo, onde está ele?

— Foi à igreja para uns batizados e vai almoçar com o Asclepiades. Vamos também? Estou ansioso por ver essa gente.

— Olhe, disse o capitão, pondo-lhe a mão no ombro e tomando um tom confidencial: anda por lá não sei que novidade... Florzinha tem estado de uma esquisitice... Diabo que entenda as mulheres! O melhor é o doutor pôr logo as coisas em pratos limpos. Enfim, como o doutor é entendido em saias, veja o que é melhor fazer. Eu já ando arreliado com tanto fuxico. Parece que esse mulherio está com o diabo no couro. Ao chegar, Florzinha caiu nos braços da mãe num choro que não acabava mais; a mulher lá em casa anda também engolindo o choro pelos cantos: Luizinha chora de ver a mãe e a prima chorarem... Ora bolas! Parece que me botaram enguiço na casa. Que o doutor me perdoe, mas anda nisto tudo cafiça de pracião.

E, pela rua afora, o capitão transbordava, aliviado já do peso de preocupações que raramente conseguiam pousar-lhe no cérebro durante muitas horas seguidas. O seu passivo interlocutor é que mal o ouvia, procurando, como estava, penetrar o segredo da situação. A meada apresentava entretanto duas pontas mais distintas: talvez alguma história transmitida da Feira para a Varjota; talvez uma indiscrição do Neco sobre a sua espionagem... Mas a sua fisionomia, a sua voz e o seu gesto tinham a mais perfeita segurança, quando ele entrou em casa do Asclepiades: ele tinha a faculdade de representar o natural sem falha nem excesso, podendo produzir em qualquer ocasião e em qualquer pessoa a ilusão da sinceridade, apenas adaptando a luneta ao nariz para resguardar um pouco a expressão dos olhos, como se baixa a cortina de uma carruagem em cujo interior se passa alguma coisa de extraordinário.

Na sala, Alípio só encontrou Asclepiades, com um sorriso angustiado na caveira mal vestida, onde nem ao menos as suas três rugas significativas ousaram mostrar o dorso encapelado.

— Por esta não esperávamos nós, hein? disse ele com uma careta de quem engoliu um amargo e quer sorrir ainda assim.

— O capitão contou-me tudo.

— Florzinha está indisposta, apressou-se ele em explicar. Apanhou uma enxaqueca com o sol da viagem. Claudina está lá à volta com ela. E nós que perdemos a nossa festança... Que amolação!

O Capitão Galdino saíra à procura do Florêncio, e o Asclepiades teve de fazer sozinho as honras da palestra, aflito e irritado contra a mulher que não vinha dar uma satisfação a Alípio. Este não o ajudava a manter a conversação, que marchava com o esforço sem-

pre gorado de um cavallo exausto. O Asclepiades, demais, era de ordinário entediante como um livro lido e viciado, que se abre na mesma página e mostra obstinadamente as mesmas palavras ao leitor. Por fim appareceu D. Claudina, azafamada e grave: o doutor desculpasse, Florzinha estava prostrada com uma enxaqueca medonha e parecia que tinha febre. Esteve na sala ainda alguns minutos por cortesia e, pedindo licença, voltou às suas lides. Então Alípio, aborrecido, tomado de um súbito rancor por toda a gente daquela casa, logrado no sincero alvoroço com que ia ver Florzinha, levantou-se, despediu-se, atarantadamente de Asclepiades e voltou à casa, sem esperar pelo almoço, para o qual chegava naquele momento o padre Balbino.

— Já te vais? perguntou este surpreso.

— Florzinha está incomodada; voltarei mais tarde.

Asclepiades foi buscá-lo para jantar, mas ele resistiu, declarando que só appareceria à noite. E à mesa rompeu o silêncio para precisar ao tio a sua resolução: só pediria Florzinha quando voltasse da Capital.

CAPÍTULO XVII

PELAS OITO HORAS DA MANHÃ apresentou-se à porta do coletor um portador da Varjota.

O Capitão Galdino teve um sobressalto:

— Há alguma novidade? Há algum doente em casa?

— Nada, não senhor! tá tudo bom. Vim trazer uma carta da madrinha.

O capitão recebeu a carta e afastou-a dos olhos para ler. Dizia-lhe a mulher que o Cazuza havia declarado embarcar para o Amazonas na primeira oportunidade. O motivo era a paixão do rapaz pela prima. Estava muito aflito. Eis em que dava fazer-se bem a desconhecidos. O Amazonas seria a desgraça do filho! E de tudo lançava a responsabilidade no pracião, que lhe metera o caiporismo em casa. Bem que o coração lhe dizia! Asclepiades carregou com ele para lá a fim de arranjar esse casamento, que era, afinal, a causa de todos esses vexames. E mais isto e mais aquilo, D. Maroca enchera uma folha de papel almaço com sua letrinha miúda e acanhada, como de criança. Voltasse depressa e com o dentista, concluía, pois a Luizinha passou mal, e o queixo ameaçava estourar por fora.